

O PNSR em Acróstico e Crônicas

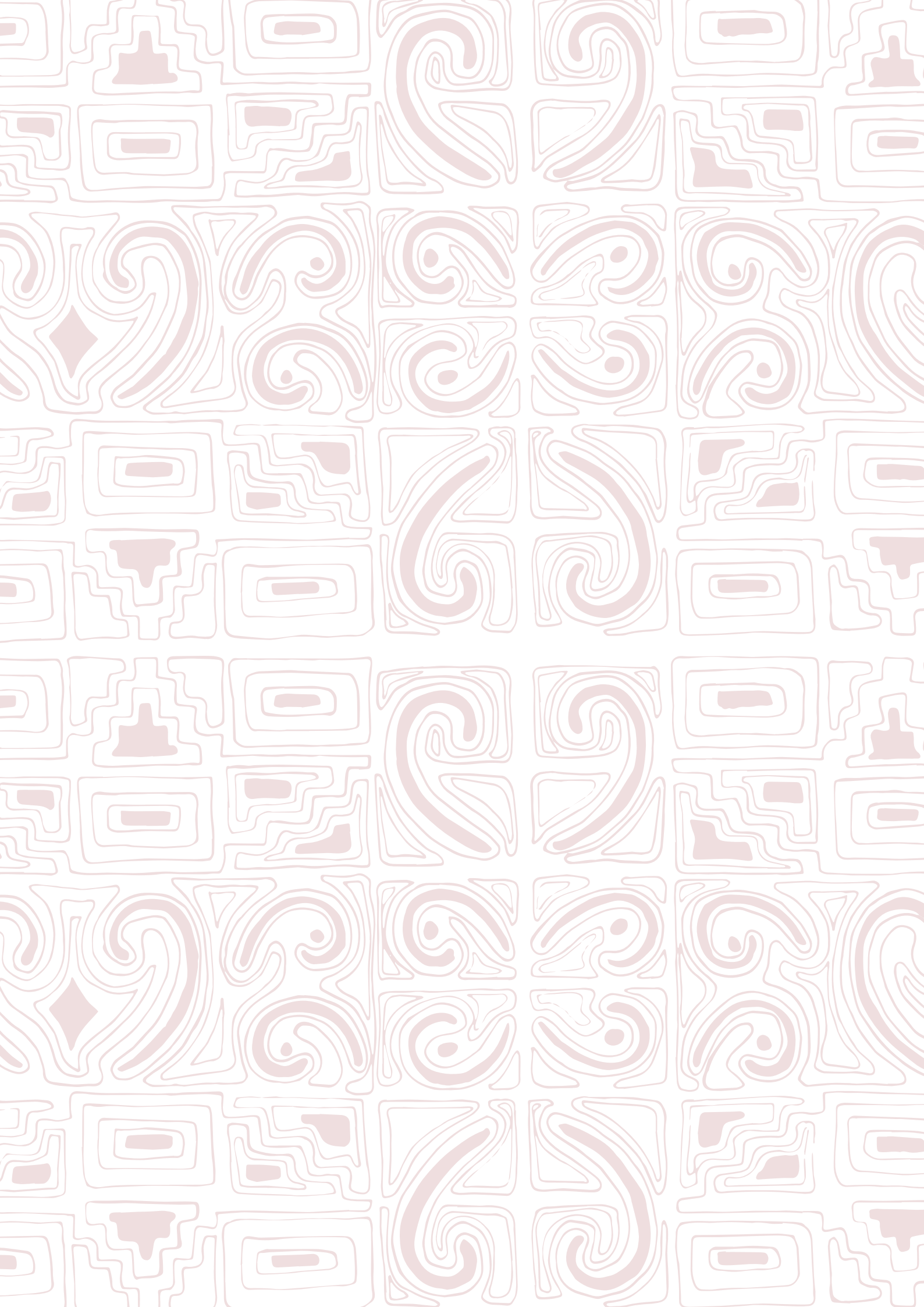


VOLUME 1 - TOMO VI

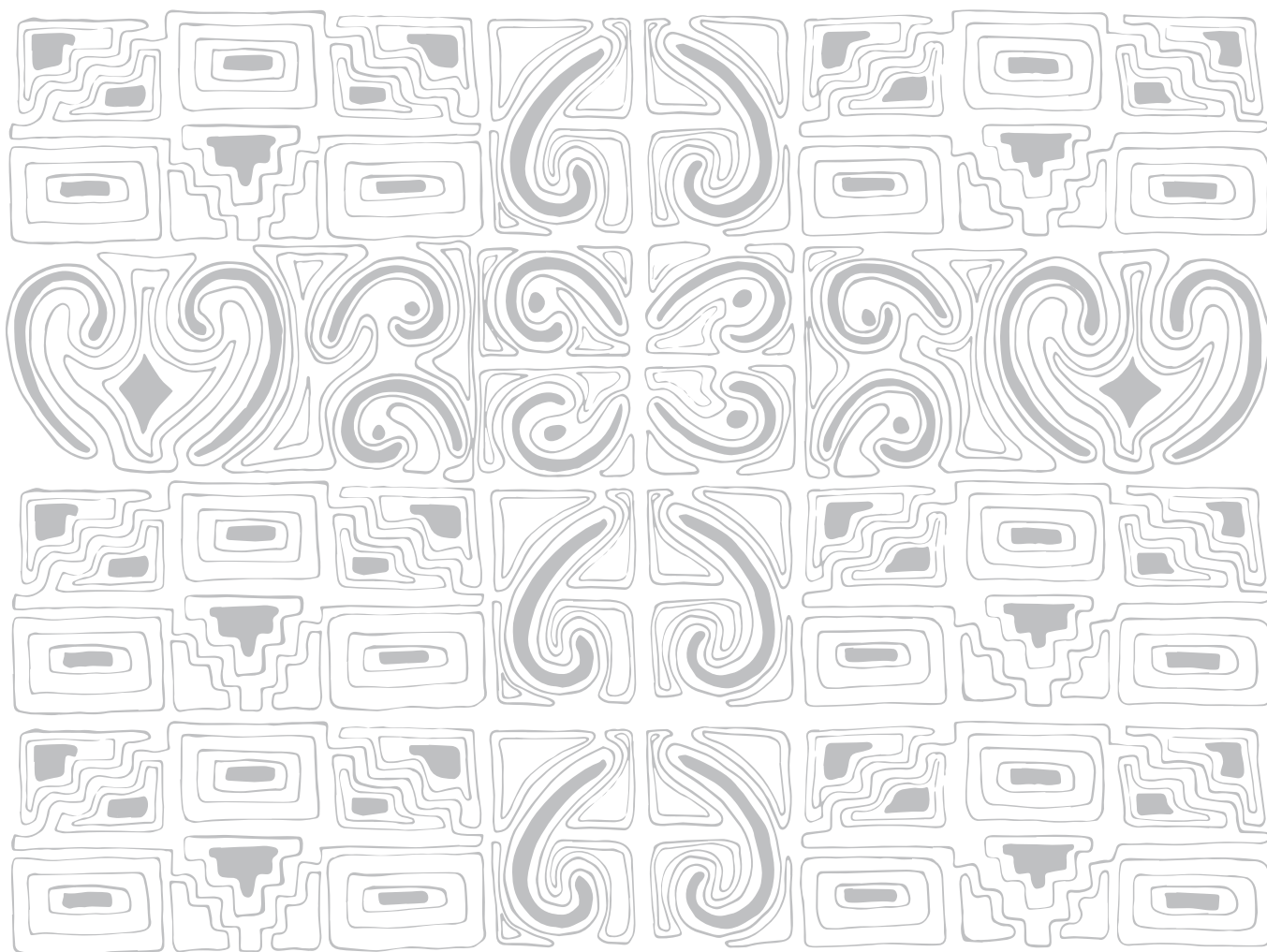


SÉRIE MEMÓRIAS DO
PROGRAMA NACIONAL DE
SANEAMENTO RURAL





O PNSR em Acróstico e Crônicas



VOLUME 1 - TOMO VI

SÉRIE MEMÓRIAS DO
PROGRAMA NACIONAL DE
SANEAMENTO RURAL



2021. Fundação Nacional de Saúde.



Essa obra é disponibilizada nos termos da Licença *Creative Commons* – Atribuição – Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional. É permitida a reprodução parcial ou total dessa obra, desde que citada a fonte. A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada, na íntegra, na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde: <<http://www.saude.gov.br/bvs>>; e na Biblioteca eletrônica da Fundação Nacional de Saúde: <<http://www.funasa.gov.br/site/publicacoes/>>

Tiragem: 1ª edição – 2021 – versão eletrônica

ELABORAÇÃO:

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental
(Desa), como resultado do Termo de Execução
Descentralizada nº 01/2015 entre Funasa e UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 - Escola de Engenharia,
Bloco 1 - 4º andar – Pampulha
Belo Horizonte/MG CEP: 31270-010
Telefone: (31) 3409 1880 | Fax: (31) 3409 1879
Home page: <http://www.desa.ufmg.br/>

ORGANIZAÇÃO E AUTORIA DOS TEXTOS:

Nathalia Roland, Anderson Gomes, Colin Brown,
Allyson Sullyvan Rodrigues Silva, Bárbarah
Brenda, Bárbara Marques, Uende Gomes,
Marielle Aparecida de Moura Raid, Jéssica
Ayra Alves Silva, Vinícius Galvão, Marina Salim
Dantas e Clarissa Tribst

DISTRIBUIÇÃO E INFORMAÇÕES:

Fundação Nacional de Saúde (Funasa)
Departamento de Engenharia de Saúde Pública (Densp),
Coordenação da Gestão do Programa Saneamento Brasil
Rural (Copsr)
Setor de Autarquias Sul (SAUS) - Quadra 04
Bloco N - 6º andar - Ala Norte
Brasília/DF CEP: 70.070-040
Telefone: (61) 3314-6328/6457/6530/6626
Home page: <http://www.funasa.gov.br>

EDITOR:

Fundação Nacional de Saúde (Funasa)
Coordenação de Comunicação Social e
Cerimonial (Coesc)
Divisão de Comunicação Visual e Mídias Digitais
(Dicov)
Setor de Autarquias Sul (SAUS) - Quadra 04 Bloco
N - 7º andar - Ala Sul
Brasília/DF CEP: 70.070-040
Telefone: (61) 3314-6440

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Ficha Catalográfica

Brasil. Fundação Nacional de Saúde.

Programa Nacional de Saneamento Rural PNSR: o PNSR em acróstico e crônicas / Fundação Nacional de Saúde. – 1. ed. – Brasília : Funasa, 2021.

26 p. : il. (Série Memórias do Programa Nacional de Saneamento Rural ; v. 1 ; t. 6)

ISBN 978-65-5603-015-9

1. Saneamento Básico. 2. Saúde Ambiental. 3. Saneamento Rural. I. Título. II. Série.

CDU 628

Catálogo na fonte – Divisão de Museu e Biblioteca – Funasa

Títulos para indexação:

Em inglês: *National Rural Sanitation Program: PNSR in Acrostic and Chronicles.*

Em espanhol: *Programa Nacional de Saneamiento Rural: PNSR en Acróstico y Crónicas.*

SUMÁRIO

SANEAMENTO RURAL	2
“NÃO TEM SUFICIENTE NEM PRA CIDADE, QUANTO MAIS PRA ÁREA RURAL”	4
“LAMA COM LAMA SE ENTENDE”: A RELAÇÃO ENTRE O SOLO E MORADOR RURAL	7
ÁGUA ENGANADA	9
COMO OS HABITANTES DE COMUNIDADES RURAIS BRASILEIRAS QUEREM TRATAR SUA ÁGUA? ..	11
O USO DO FILTRO DE BARRO COM VELAS CERÂMICAS EM UMA COMUNIDADE RURAL QUILOMBOLA	11
GÊNERO E SANEAMENTO: COMO SE DÁ ESSA RELAÇÃO?	13
“POR FALTA D’ÁGUA PERDI MEU GADO, MORREU DE SEDE MEU ALAZÃO”:	15
ESCASSEZ HÍDRICA, UMA EXCLUSIVIDADE DO SERTÃO?	15
COMO EXPLICAR UMA PAIXÃO?	17
DENGUE, ZIKA E CHIKUNGUNYA:	19
A CRISE DAS ARBOVIROSES PREOCUPA MORADORES DA ÁREA RURAL PERNAMBUCANA	19
“FAZER AS TAREFAS E NECESSIDADES PODERIA SER MAIS FÁCIL PARA ELAS”	21
LIXO: SEPARAR PRA QUÊ?	23



SANEAMENTO RURAL - Ena Galvão

Programa público ousado!	Em busca do sustentável.	Também fortalece a crença.	Aquele a ser reciclado.
Reflete o desejo esperado,	Água, floresta e campo,	Até a tristeza dispensa.	
O anseio da população,	Mais uma vez o encanto		Como uma atitude sadia
Guardado no coração.	Em torno do ideal,	Produzir vida no campo,	Oportuniza cidadania,
Ribeirinhos, povos da terra,	Na construção do real.	Onde há água e encanto,	No esforço em construir,
Aqueles do pé da serra,	Temos quer modificar,	Leva o homem, com certeza,	Território do porvir.
Mais uma vez a esperança	Olhando pro bem-estar.	Imitar a natureza,	Resta o esgotamento sanitário
À espera da lembrança,	Rural! O que é isso?	Tirando dela o sustento,	Industrial ou originário,
	É	Irrigando o alimento.	Bem dentro da nossa casa.
Na oportunidade tardia	Um grande compromisso,	Capaz de saciar a fome	Uma situação que arrasa.
A facilitar o seu dia.	Reduzir desigualdades,	Àquele que o consome.	Isso é atitude ativa
Cansar? Isso não!	Alterar disparidades,		Requer ação coletiva.
Ir em busca da ação	Lutando pra melhorar	Que palavra diferente!	
Onde a decisão impera,		Um termo que muita gente	Para o ambiente preservar,
No poder que considera,	Por meio do sanear,	Em qualquer tempo e lugar	Ao reduzir muitos danos
A grandeza desta gente,	Nas comunidades rurais,		Retendo a água nos canos e
Lutando pela semente	Salvando também animais.	Ouve sem questionar,	A inundação evitar.
	Rural não é o urbano.	Bem como sem processar.	
Do bem-estar e conforto.	Pressupõe um novo plano,	Já sei! Resíduo sólido é isso	Aquelas águas da chuva,
E o povo não está morto!	Respeita a diversidade,	Esses restos de um lixo,	
	Os desejos da comunidade,	Tanto da fábrica ou cozinha,	Que servem como uma luva
Sabe bem o que fazer,	Plano focal alinhado	Interno ou da vizinha.	Um gesto do Deus Bondade
A quem procurar e dizer,	Ousando o avançado.	Vamos acondicionar separado	Aos filhos do campo ou cidade.
Numa luta incansável	Sua força é imensa,		



Lá nos rincões do rural	Irradiando a imagem	Será algo essencial,	Em busca de nova vida.
Imagem próxima ao real	Aos espaços sociais,	Observando o real,	Duas décadas pela frente!
Do urbano aproximar,	Somando com os demais	Bem próximo à economia.	Ampliar esta corrente,
Assim, todos vão ganhar.	Que lutam por seus direitos	Assumir que a mais valia	Fortalecer a semente.
Drenagem é essencial	Uma vez que os efeitos	Retira do povo o suor.	Uma no planejamento,
Evitando o grande mal	Espalham para os eleitos,	Em troca? Não oferece o melhor.	Noutra, monitoramento.
De copiar o urbano	Vibrando nos corações	Sabe-se que ela abala	Avaliar o progresso,
Entendendo que o plano	Indo somar emoções,	Por não se ter mais senzala.	Será alcançar o sucesso,
Vai se produzir igualmente	Vivendo sem letargia,	Onde a casa grande imperava	A vitória conquistar.
Indo até o diferente,	Espalhando a alegria	Novo cenário formava	Em nome do bem-estar.
Dar especificidade e,	Mundo afora, com certeza,	Sem um patrão opressor.	Uma política esperança,
Atender à diversidade.	Navegando com leveza	Acaba-se assim a dor	Faz nascer nova lembrança.
Dar acesso ao cidadão	Onde o progresso chegar,	Bastante arraigada no povo	Mais uma vez é o momento!
A “palpitar” na gestão.	Caminhando devagar	Investindo em algo novo:	Garantir saneamento.
Sabe-se que sua vida	Até o objetivo final,	Luta e mobilidade!	
Feita de muita lida,	Mas, firme no ideal.	Isto é a novidade	
Atravessa geração!	Pensar tecnologias	Do homem do campo e água.	
Mobilizar é preciso,	Olhando pro dia a dia	Assim não fica a mágoa	
Indo até os indecisos		Da classe mais oprimida,	
Levando força e coragem			

Brasília, 11 de outubro de 2016



“NÃO TEM SUFICIENTE NEM PRA CIDADE, QUANTO MAIS PRA ÁREA RURAL” por Nathalia Roland

A citação utilizada como título desta crônica pertence à Celina*, mas este é o sentimento predominante em boa parte dos moradores da zona rural. Não se iluda, Celina é uma mulher forte e guerreira, que viveu toda sua vida no sertão pernambucano e batalhou para conseguir cada conquista, dentre elas a conclusão de seus estudos até o ensino médio, já adulta. História que ela conta com muito orgulho e acredita servir de exemplo para os filhos. Contudo, quando se trata do acesso aos serviços de saneamento, a fibra e determinação cedem lugar aos sentimentos de impotência e aceitação, os quais ganham forças e são historicamente alimentados pelo quadro crônico de abandono e descaso do poder público no que se refere à oferta de serviços de saneamento para a área rural.

Quando somos atendidos com fatura de água nas torneiras de casa; damos descarga no vaso sanitário e nossas águas residuárias são direcionadas para longe da residência; colocamos todo o lixo gerado na porta de casa e um caminhão o afasta de nossa responsabilidade; e não sofremos com alagamentos ou deslizamentos de terra, torna-se fácil e cômodo esquecer que essa não é a realidade de milhares de pessoas, especialmente na zona rural.

“Os esquecidos”: assim são chamados os moradores da comunidade quilombola Barra

de Oitis, na Paraíba, que não possuem acesso à rede de abastecimento de água da comunidade. Se deixarmos de lado o conforto de nossas casas e nos dispusermos a viajar por esse imenso e diverso país, conheceremos milhares de “esquecidos” e suas histórias. Convido o leitor a realizar comigo uma rápida viagem por meio dos breves relatos aqui trazidos.



Crianças buscando água em Barra de Oitis

A ausência do poder público provoca a busca por soluções alternativas, sobretudo individuais, por parte dos moradores das áreas rurais. Longas caminhadas para buscar água em riachos, poços de água escavados com as próprias mãos ou cisternas de água de chuva; diversas tipologias de fossas ou defecação a céu aberto; queima de resíduos sólidos ou lançamento no mato e canaletas improvisadas para controlar o escoamento de água de chuva. Tais soluções precárias são comuns no dia-a-dia dessas pessoas. Tão comuns que se tornam hábito. Possuir acesso à água em casa é um luxo com o qual Celina ainda não pôde se acostumar:

“Olha, eu fui tão sofrida, minha filha. Eu sofri tanto sem água, desde que eu nasci. (...) Eu pequenininha, a minha mãe sofria carregando água de longe, na cabeça, pra beber, pra bicho, pra tudo. Aí eu cresci e continuei na mesma... Há três anos foi que a gente veio descansar um pouquinho, que veio essa água do poço pra aqui. ‘Tava’ uma benção, eu ‘tava’ tão besta com a água em casa! Aí, quando é agora, o poço estraga. Eu digo: ‘meu Deus, agora que eu ‘tava’ acostumando a ter água em casa...’”

E imagine você, leitor, não ter quem afaste de sua residência o lixo que você produz. Ser necessário gastar alguns minutos do seu atribulado dia para dar uma destinação final aos seus resíduos. Celina não precisa imaginar, ela enfrenta essa situação diariamente:



Queima de resíduos sólidos

“Tem vez, igual ontem mesmo, eu passei um tempo para queimar o lixo. Quando foi hoje, que eu fui olhar, tá o lixo lá. Botei fogo, peguei até o lixo do banheiro, limpei, deixei até a caixa junto com o lixo lá para queimar também, porque a terra estava molhada. Enfiei tudo dentro da caixa. Só

chovendo por cima... Botei fogo. Quando foi hoje que eu chego lá, tá o lixo espalhado.”



Banheiro sem fossa no quintal de residência

Isso sem mencionar as questões de privacidade, gênero e saúde envolvidas na ausência de instalações sanitárias. No assentamento Serra Negra, em Pernambuco, a defecação a céu aberto é comum quando as fossas encontram-se cheias. Situação que pode provocar grande desconforto, especialmente para as mulheres:

“Pois eu só vou pro mato à força! (...) Eu não gosto. (...) Era só no banheiro, porque não dava certo, não... Os homens ainda dá para ir, que dá para andar um bocado para poder achar um lugar preservado. Mas mulher, desabar nesse meio da caatinga, só?”

Um leitor desavisado pode questionar: “– Ah, mas essa é uma realidade do Nordeste, uma das regiões mais pobres do país”. Engana-se! Que tal viajarmos para a famosa Região dos Lagos – região

turística próxima a Búzios – no Rio de Janeiro? Lá, os moradores do assentamento Ademar Moreira, no município de São Pedro da Aldeia, possuem acesso precário aos serviços de saneamento: não há coleta de lixo, existem casos de defecação a céu aberto e fossas construídas sem rigor técnico e, devido à ausência de sistema de abastecimento de água, torna-se necessário buscar água cedida por moradores do bairro vizinho, comprar galões de água mineral ou ainda captar água de chuva:

“Assim que a gente entrou pra aqui [assentamento] a gente ia lá nessa casa lá pegar água no carrinho de mão. Eu e ela [filha] junto. (...) Longe... De oito em oito dias nós ia lá fora pegar água, (...) a pé. A pé! Ida e volta empurrando o carrinho de mão. (...) Aí a gente ia e trazia os galão [de água] dentro do carrinho de mão.”

E sistemas de drenagem de águas pluviais, então? São elementos desconhecidos e praticamente inexistentes nas comunidades rurais.



Erosão em estrada impede a passagem de veículos

Alagamentos e erosões comprometem a locomoção e o acesso dos moradores, mas o que se pode fazer? No assentamento Pontal do Buriti, em Goiás, não tem solução, em

épocas de chuvas fortes, as crianças são obrigadas a deixar de frequentar a escola:

“Nesse período de chuva é quando começa as aulas (...). Quando chove muito, o rio sobe e vem quase ali, (...) perto da escola. A água do rio vem até ali. E (...) pra gente chegar na escola era só uma estrada e (...) alagava de água. (...) O transporte não conseguia chegar na escola com as crianças, porque era muita água.”

Mas vamos partir agora em direção ao Sul do país. Por lá, uma região tão desenvolvida, com certeza todos possuem acesso aos serviços de saneamento, não é mesmo? Bom, os moradores da comunidade Vargem Bonita, no Paraná, pedem licença para discordar. Afinal, eles também gostariam de ser contemplados com rede de abastecimento de água, tendo seu direito garantido de acesso à água segura e de qualidade:

“Mesmo tendo a água da mina em abundância, gratuita, a princípio, né, eu gostaria (...) que a minha propriedade tivesse uma rede de água. Também poderia pagar pelo uso dela, né, porque (...) eu acho que teria mais garantia de qualidade também, né, dessa água.”

E já que estamos conhecendo cantinhos “esquecidos” do nosso Brasil, não podemos deixar de visitar a região Norte, tão abundante em recursos hídricos. A limitação de páginas não me permitirá os apresentar melhor, mas um dia, se você tiver oportunidade, leitor, pode bater um papo com

os moradores do Assentamento Alcoobrás, no Acre. Só não se espante se eles se mostrarem um pouco céticos quanto à oferta de serviços de água, esgoto, resíduos, drenagem... *“Faz-me acreditar que isso vai acontecer.” “A gente já cansou de se alimentar de esperança.”*

Gestores públicos, quando questionados, apontam inúmeras dificuldades para o desenvolvimento do setor de saneamento no país. Nessas horas sobram justificativas para todos os lados, sendo as mais comumente citadas: a falta de interesse político, a ausência de recursos financeiros e as dificuldades técnicas e operacionais para implantação de sistemas. São verdadeiras? Até certo ponto, sim. Porém, não podem ser utilizadas como desculpas. Apesar das dificuldades mencionadas, existem exemplos de localidades capazes de oferecer serviços de saneamento para suas comunidades rurais. Ainda longe das condições ideais, porém já representam avanços na oferta de serviços de saneamento para áreas rurais.

Para finalizar em uma perspectiva otimista, caminhemos um pouquinho mais em nossa viagem, chegando a um bom exemplo no Ceará, onde a comunidade rural de Queimadas, no município de Crateús, é atendida com água canalizada no interior das residências e coleta seletiva de resíduos sólidos (não sei você, leitor, mas eu, residente na zona urbana de uma das principais capitais no país, não sou atendida pela coleta seletiva de

resíduos porta-a-porta!). Apesar de a água fornecida para a comunidade ser de qualidade salobra, os moradores se mostram satisfeitos:

“Aqui nunca faltou água pra nós. O pessoal que mora em

Crateús, eles sofrem bastante. Tem bairro lá que falta dois, três dias. Aqui nunca faltou água, por isso que eu vim correndo de lá pra cá.”

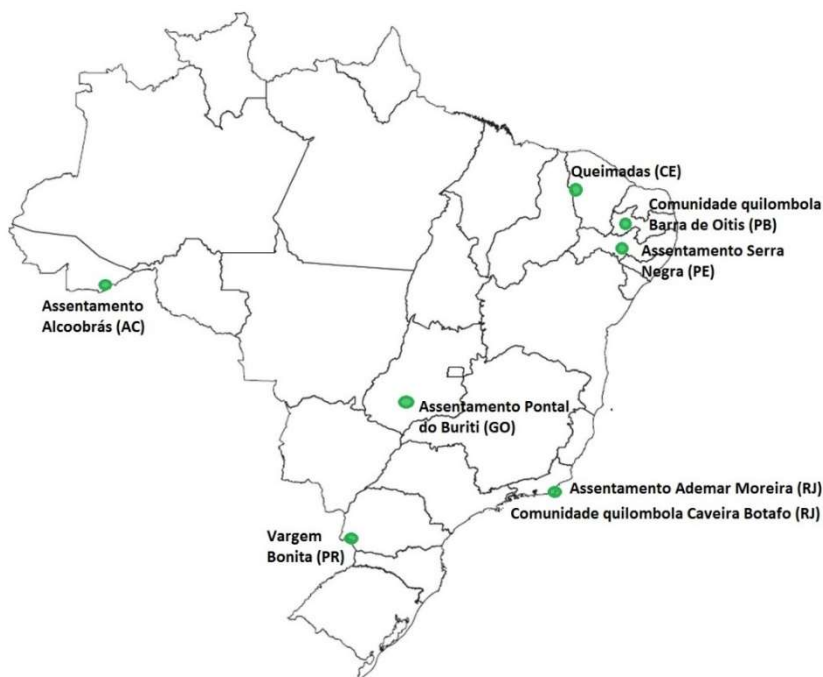
Neste estado destaca-se a atuação do SISAR, um exemplo de gestão compartilhada de sistemas de abastecimento de água entre o

coleta regular de resíduos sólidos e acesso à água potável proveniente da rede coletiva de abastecimento da concessionária presente na sede municipal.

Casos de populações rurais com acesso aos serviços de

saneamento são exceções? Infelizmente, sim. Mas as exceções podem, um dia, se tornar a regra. Nesse dia, “os esquecidos” retratados nessa crônica, detentores de seus direitos, finalmente poderão se sentir representados pelos versos da música de Belchior:

“Não! Eu não sou do lugar dos



poder público e as comunidades rurais. Diante do êxito do sistema, Piauí e Bahia tentam promover iniciativas inspiradas nesse mesmo modelo.

Por fim, retornando ao Sudeste, quase a totalidade dos moradores da comunidade quilombola Caveira Botafogo, no Rio de Janeiro, possui banheiro em suas residências,

esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: conheço o meu lugar!”

Que assim seja!

*Nome fictício para preservar a identidade do entrevistado

“LAMA COM LAMA SE ENTENDE”: A RELAÇÃO ENTRE O SOLO E MORADOR RURAL por Anderson Gomes

"Do pó viemos e ao pó voltaremos". A célebre frase bíblica do livro de Gênesis parece descrever bem o modo de pensar de alguns moradores das áreas rurais brasileiras. O solo, lugar de origem, é também o destino. A origem do homem e do que que ele produz, fonte de alimento, fonte de renda. Destino do homem e, muitas vezes, daquilo que o homem gera, dejetos, detritos. O mesmo não se vê com outros elementos como água e o ar. Usar estes elementos como destinação de resíduos e demais rejeitos causa desconforto, chega a ser ultrajante. Afinal, como podemos causar poluição na "água, fonte de vida" e no "ar que respiramos"?

No que tange o solo, pelo contrário, é patente que esse é comumente considerado um dos melhores locais para receber aquilo que não serve mais, ou aquilo que incomoda. Durante os trabalhos de campo realizados para elaboração do Programa Nacional de Saneamento Rural, foi bem perceptível a visão de alguns residentes sobre a "ação purificante" da terra. Ela é usada para receber múltiplos produtos. Produtos que visam a origem de outros, como defensivos agrícolas para a produção de verduras e

legumes, e aqueles que se deseja esconder ou se destruir, como é o caso de diversos tipos de resíduos sólidos, ou excretas e lodos.



Comportamento interessante o de um senhor residente de assentamento. Durante as entrevistas, negou o uso de defensivos agrícolas afirmando que nas suas terras atuava "só natureza mesmo, só natureza". Mais tarde, sem gravações, sem registros, confessou que utilizava, no entanto, um defensivo poderoso, o melhor, "o primeiro *tóxico*". Isso leva a pensar, a princípio, que ele não considera apropriado o uso desses produtos e por isso a negativa inicial. Mas, porque então utiliza? Contanto que haja aumento de produção em sua agricultura, pouco importa a contaminação do solo?

O solo também parece servir de proteção. Quando questionados sobre como lidavam com pilhas, baterias e lâmpadas descartadas, o casal de moradores entrevistados foi categórico: "Enterra". E quando questionados sobre quais são os resíduos que

consideram perigosos a resposta veio rápida: "pilhas, baterias e lâmpadas". A pergunta seguinte não pôde ser diferente: "Então, vocês enterram porque acham perigo?". A resposta, um uníssono "sim". A confiança e firmeza da réplica causaram espanto. Será que pensam, realmente, que enterrando estão livres do perigo?

Há aqueles também que querem apenas se livrar dos problemas que envolvam lidar com dejetos. Não foram poucos os casos de pessoas que ainda praticam o hábito de defecação à céu aberto. E alguns não o fazem somente por falta de opção, às vezes é por preferência. É assim que pensa um dos trabalhadores rurais: "O mato sempre é melhor que a casa. A gente que tá acostumando na roça é bem melhor. A gente fica mais à vontade. Ih, tranquilo [...]. No mato, você tem a maior liberdade, porque lá no mato só tá você mesmo e lá você pode descarregar à vontade...". Questionado se recolhe as excretadas após fazer as necessidades, a resposta vem descontraída: "Ah meu filho [...] se for pro mato, fica no mato mesmo". Não há, portanto, como inferir que o morador veja algum mal nessa prática.



De forma idêntica, vemos a mesma despreocupação em um dos moradores de um dos quilombos visitados. Ele se preocupa com o esgotamento sanitário de sua casa. Possui inclusive uma fossa e não espera essa transbordar. Realiza, sem cerimônias, a própria limpeza. Ele

demonstrou ter muita certeza do que fazia e demonstrou clareza do que pensa sobre onde fazer e não fazer o descarte do lodo produzido em sua fossa: “Nunca no rio, nunca no rio...”. Agora com relação ao lodo no solo... “sempre no mangue, que é lama. Lama com lama se entende”.

ÁGUA ENGANADA

por Colin Brown

Ter água que chega dentro de casa; eis um sonho de milhões de brasileiros. No Ceará, há mais de vinte anos, o prestador de serviços de abastecimento de água, SISAR, tem tido um papel cada vez mais importante em gerenciar sistemas em áreas rurais que trazem água mais perto, se não for dentro, de casa. Observado no contexto do projeto de pesquisa chamado Desafio, três comunidades vizinhas desse Estado, Arataca, Andreza e Itapeim (conhecidos pelos gestores do SISAR como o *Complexo Itapeim*), inauguraram sua filiação aos serviços de SISAR em 2013.

Para muitas pessoas, o sonho de ter água que chega dentro de casa pressupõe a preferência por tecnologias bem específicas: começam com adutoras para levar a água bruta até um ponto de tratamento; uma de várias tecnologias sofisticadas para tratar (alguns dirão *purificar*) a água; bombas e canos para distribuir a água aonde precisa; uma ou várias torres e cisternas aonde guardar a água; e, na ponta do todo, a torneira para fazer a água cair no copo seco de quem está com sede. Esse sistema, uma rede de distribuição, é uma característica básica de quase toda cidade “digna do seu nome”, além de ter sido considerado de maneira

destacada como solução idealizada no contexto dos Objetivos de Desenvolvimento das Nações Unidas.

Porém, no *Complexo Itapeim*, foi possível verificar que a existência de uma rede de distribuição por si só não bastou para garantir um acesso à água segura para seus habitantes. Em 2000, foram construídas pela primeira vez uma estação de tratamento e uma rede de distribuição nas três comunidades, ambas sendo financiadas pela FUNASA. No entanto, inserida num contexto em que faltava qualquer gestão, a rede foi gradativamente sendo degradada à medida que os moradores intervieram na rede para puxar água até suas próprias casas. Em poucos anos, a rede praticamente deixou de funcionar e poucas casas conseguiram receber água. Foi necessário outro investimento considerável em 2012 para reconstruir uma nova rede que, desta vez, passou a ser gerida pelo SISAR. O modelo inovador do prestador de serviços inclui a cobrança de uma taxa mínima pelo uso da água e da colaboração de alguns membros da comunidade, que fazem, por exemplo, a leitura dos hidrômetros, a distribuição das contas, e parte da manutenção do sistema. Conforme relatou

um gestor do SISAR, “as pessoas realmente não acreditavam que a gente conseguiria fazer isso simplesmente com a gestão”. A grande maioria dos moradores ficaram felizes: “como a gente paga agora, a gente tem todos os dias.”

Mas inclusive com uma boa gestão, que conseguiu fazer com que água chegasse em todas as casas, a rede de distribuição ainda não foi suficiente para responder a todas as necessidades dos moradores do Complexo Itapeim. Além do mais, nem conseguiu responder à necessidade mais básica de qualquer ser humano: fornecer água para beber. Na ata de filiação da comunidade de Arataca para receber os serviços do SISAR, explica-se:

“Após toda a explanação foi apresentada à comunidade a análise da água do sistema com alto teor de cloreto (água salgada) e que o SISAR não se responsabilizará em resolver este problema. Entretanto haverá cobrança pelo uso da água conforme a norma do SISAR: já que a responsabilidade do tratamento da água (desinfecção com cloro, remoção de cor e turbidez) é manutenção do sistema SISAR.”

A consequência? Água encanada – nada! “Água enganada!”, a chamaram os moradores! Os moradores ainda devem procurar água de outra fonte para beber, pois a que chega pela rede de distribuição não é potável. Os moradores têm o costume de armazenar água da chuva. Alguns deles que foram beneficiados pelo programa P1MC (Programa 1 Milhão de Cisternas) conseguem armazenar suficiente água da chuva para todo o ano. Outros – muitos – tentam armazenar em todo tipo de garrafa e tambor, mas não costuma ser suficiente para passar todo o ano. No Complexo Itapeim, essas pessoas costumam pagar

para a entrega de água de poços artesanais, ou então compram de um poço profundo equipado com um dessalinizador. Para essas pessoas, ter acesso a água para todos os seus usos está longe de ser tão simples quanto abrir e fechar a torneira.

Definitivamente, a rede de distribuição de água, por mais sofisticada que possa parecer, não é uma solução por si só. Essa constatação levou à renovação dos critérios relativos à classificação dos serviços de água na nova agenda de desenvolvimento global das Nações Unidas, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Pois, agora a qualidade de água disponível

ao usuário também é parte fundamental da classificação da solução utilizada, inclusive para a água encanada. E isso está muito certo! Pois, de acordo com o conteúdo normativo do direito humano à água, a mesma deve ser disponível em quantidade suficiente, segura, aceitável, e acessível física e financeiramente, a todos. Muito embora a água encanada dentro de casa possa parecer como a melhor solução, e que seja o objeto de desejo de muitas pessoas que não a tem, a experiência do Complexo Itapeim ilustrou como deve-se zelar a garantir a qualidade da água e assegurar uma gestão adequada.

COMO OS HABITANTES DE COMUNIDADES RURAIS BRASILEIRAS QUEREM TRATAR SUA ÁGUA? O USO DO FILTRO DE BARRO COM VELAS CERÂMICAS EM UMA COMUNIDADE RURAL QUILOMBOLA

por Allyson Sullyvan Rodrigues Silva

O questionamento presente no título dessa crônica é central na proposição da construção de tecnologias de tratamento para áreas rurais, pois são inúmeros os casos de abandono de estruturas e sistemas de abastecimentos construídos por imposição de gestores externos. Os fatores são diversos, como a falta de participação e diálogo com a comunidade no projeto, rejeição cultural do uso pelos moradores, falta de sustentabilidade econômica, etc.

Nesse sentido, um dos primeiros passos na construção de um sistema de abastecimento de água na comunidade quilombola de Lagedo, no município de São Francisco, em Minas Gerais, foi ouvir as pessoas. Ou seja, entender qual era a percepção dos moradores do que seria uma boa água para se beber.

Os residentes de Lagedo, em geral, reconhecem como as principais características de uma "água boa" aquelas que afetam os seus sentidos, como o cheiro da água, o gosto, o aspecto visual e a presença de "barro na água":

"Água boa é a que não tem cheiro forte, né? (...) Barro também... igual nós temos essa

água do rio São Francisco, ela não é uma água boa. A gente bebe, mas a gente sabe que ela não é boa. Ela tem que estar branquinha, no meu caso ela tem que estar mais branca, essa água barrenta pra mim não é boa."

A identificação dessa opinião era essencial no processo de educação ambiental e sanitária da comunidade, uma vez que os moradores rejeitavam o consumo de água de mananciais com alta turbidez. Entretanto, continuavam consumindo água sem tratamento, proveniente de fontes de captação que forneciam água com aspecto visual clarificado, ignorando a gravidade da contaminação por dejetos animais presente nesses locais.

O uso dos filtros de barro com velas cerâmicas foi então difundido na comunidade de Lagedo como um dos componentes do sistema de abastecimento de água local. O filtro, visto como uma barreira sanitária, ocasionava a introdução na realidade local de uma tecnologia comum em outras localidades do país. O filtro de barro nacional, inventado no início do século 20, dominava os lares brasileiros, perdendo espaço no

mercado com a mudança nos costumes e preferências da população. Entretanto, seu uso foi considerado uma inovação pelos moradores da comunidade pesquisada, posto que poucas famílias utilizavam os filtros de cerâmica antes das ações do projeto do presente estudo de caso, sendo comumente utilizada a filtração em pano e posterior armazenamento da água em potes de barro.



Entrega de filtro na comunidade de Lagedo

Os moradores se mostram satisfeitos com as iniciativas de tratamento introduzidas na comunidade. Todavia, sensibilizados pelo progresso do método de educação sanitária, reconhecem a necessidade de melhora:

"É que nem a gente está conhecendo as novidades da água agora, né? Pra nós, estamos fazendo um tratamento básico, né? Não é um tratamento igual deve ser, mas nós estamos fazendo o que a gente pode."

O tratamento domiciliar da água, entretanto, pode implicar na transferência de uma grande responsabilidade para a população carente do rural brasileiro, se realizado de maneira improvisada. Além de que, segundo os próprios moradores da comunidade, não deve ser visto como único meio de obtenção de uma água de boa qualidade:

“Eu considero que um tratamento de água pode ser desde um processo que a pessoa faz em casa até um tratamento específico igual, por exemplo, o da Copasa ou um que pareça da Copasa. Para mim é um tratamento específico, pois o de casa às vezes a pessoa pode até tentar fazer um tratamento, mas nunca vai ser um tratamento de boa qualidade.”

Notadamente, em conversas com os moradores, a educação destaca-se como a principal ferramenta para as poucas conquistas visando à melhoria de vida no mundo rural:

“Quando o rio sujava minha mãe sempre fervia a água pra beber. Então no que a gente foi estudando a gente foi tendo conhecimento. Pessoas

chegavam explicando pra gente, palestras dentro das escolas, fazendo pesquisa, aí você vai melhorando.”

É importante ressaltar que o uso do filtro foi estimulado em grande parte por visitas mensais de alunos pesquisadores às residências de Lagedo, assim como pelas discussões dos resultados das análises mensais da qualidade da água em reuniões comunitárias. Moradores anteriormente resistentes a usar o filtro passaram a utilizá-lo regularmente.



Análise de turbidez em residência de Lagedo

As visitas possibilitam a realização de análise da água e do estado geral do filtro doado, mas, além disso, permitiam um

contato direto entre pesquisador e morador. Dialogar com os moradores, trocar informações e transmitir a essas pessoas a sensação de que elas estavam sendo ouvidas foram fatores primordiais para a efetiva adoção de uma nova tecnologia de tratamento de água pela comunidade. Observou-se, inclusive, em uma das famílias, a motivação dos moradores em comprarem espontaneamente mais um filtro para atender o grande número de pessoas da casa.

Os motivos para não utilização dos filtros relatados pelos moradores à equipe foram, em sua maioria, devido ao fato do morador não estar residindo durante muito tempo ao longo da semana em sua casa. Em algumas famílias os moradores idosos ou com problemas de saúde relataram dificuldades físicas para colocar água nos filtros.

“É importante ter o tratamento. Porque aí livra de alguma coisa, qualquer problema que sempre tem nas águas. Hoje a maioria do povo tão tomando só água tratada. Então já que vem essa água aí tratada seria bom pra gente.”

GÊNERO E SANEAMENTO: COMO SE DÁ ESSA RELAÇÃO?

por Bárbarah Brenda, Bárbara Marques e Uende Gomes

Homens e mulheres, residentes em áreas rurais brasileiras adotam uma conexão particular em relação às ações de saneamento.

Essa diferenciação não se explica somente pela predominância de formas alternativas de abastecimento de água, esgotamento sanitário e manejo dos resíduos sólidos, mas por papéis e funções muito bem delimitadas e socialmente construídas.

A definição dessas tarefas reflete a lógica organizacional dos domicílios do campo, nos quais os homens são os responsáveis pelo sustento da família e as mulheres zelam pela organização do domicílio e a educação dos filhos. Dessa forma, por se tratar de tarefas que se passam nas imediações das casas, são as mulheres as responsáveis por coletar água (quando ela não é disponibilizada no interior da residência), tratá-la (seja com a cloração, fervura ou filtragem), e destiná-la a todos os usos domésticos. Em relação aos resíduos sólidos, são elas que juntam e dão a destinação final. E, no caso do esgotamento sanitário, são elas as responsáveis pela limpeza da unidade sanitária e são as mais impactadas quando é preciso ir ao mato para fazer as suas necessidades.

As moradoras da comunidade Barreiro Amarelo (BA) reconhecem a relação mais intensa das mulheres com o saneamento:

“Eu acho que é mais da mulher porque quem fica mais dentro de casa é a mulher, né? O homem sai lá para os matos... Os homens nem param muito dentro de casa. Às vezes vai trabalhar, chega em casa 5 horas, chega cansado, vai tomar o banho e queta. A mulher não, tá ali na luta, né?”.

A realidade é que os homens ficam encarregados de outros tipos de trabalho como o do roçado e trabalhos temporários fora da comunidade: *“Na verdade o trabalho dos homens é pesado, né?”*, diz Marília*, moradora da comunidade Barreiro Amarelo na Bahia. Segundo ela, tem vezes que a água tem que ser coletada em outra comunidade e aí o seu marido até ajuda: *“Tem vez que ele pega o cavalo da véia aí, pega a carroça coloca os bujão e vai”.*



Moradora do Assentamento Pontal do Buriti coletando água

na caixa onde a água do poço fica armazenada.

Antes de preparar as refeições as mulheres devem assegurar que a quantidade de água presente em casa é suficiente e que a qualidade dela é adequada. Em relação à quantidade, além de depender da oferta, elas também dependem da disposição que elas mesmas têm em buscar a água. Por vezes somente a disposição não basta, e a quantidade coletada é inferior aos 100L de água diários por habitante recomendados pela Organização Mundial de Saúde – OMS.

No Assentamento Pontal do Buriti (GO) por exemplo, os moradores usam poços rasos e cisternas para coletar a água usada diariamente. Os homens são os responsáveis pela construção das cisternas e banheiros, manutenção e limpeza da caixa d'água e instalação da canalização necessária. São trabalhos pontuais, que não exigem uma dedicação e esforço diário como as atividades delas: buscar a água, tratá-la, destiná-la para os diferentes usos, limpar os banheiros, coletar e destinar os resíduos... Enfim, a tarefa se torna ainda mais árdua quando somada a todas as outras tarefas que ficam sob responsabilidade delas nos domicílios. Como diz Tereza*:

“É trabalho que nunca acaba!”.



Morador de Pontal do Buriti mostrando o poço que ele ajudou a construir na sua própria casa.

Essa divisão das tarefas tem origem antiga e não tem passado por muitas transformações ao decorrer do tempo.

O vínculo mais estreito das mulheres com o saneamento permeia questões muito mais profundas de manutenção da identidade, cultura e da própria sobrevivência. Não podemos, contudo, naturalizar a distinção desses papéis pois eles salientam as desigualdades de gênero.

Em diferentes comunidades rurais brasileiras, homens e mulheres reconhecem que o impacto de soluções sanitárias precárias ou ausentes é maior para elas. Lena*, moradora do campo e pescadora destaca essa relação:

“A carga horária das mulheres pescadoras gira em torno de 12 a 16 horas de trabalho. Quando você está em uma comunidade que você não tem acesso à água potável, essa carga horária é acrescida com o tempo que você tem que ir no poço. Então essa ausência de saneamento implica no aumento da carga horária e também de preocupações maiores com a saúde dos pequenos...”.

A imperativa necessidade em ampliar os serviços de saneamento nas áreas rurais de países como o Brasil é ainda mais latente tendo em vista o reconhecimento da água e do esgotamento sanitário como um Direito Humano. Uma das diretrizes dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável trazem como foco o acesso adequado e equitativo, reconhecendo que mulheres e meninas têm necessidades distintas e por isso atenção especial deve ser dada a elas.

Contudo, a garantia desses direitos não acontece de forma simples na prática. Atualmente não existem diretrizes específicas para as mulheres nas políticas de saneamento

brasileiras. A quem realmente está em contato e são as mais impactadas, deveria caber o poder de opinar nas soluções que são implantadas nas suas comunidades. Lena*, mulher, pescadora e moradora do campo, sente na pele os impactos da falta do saneamento adequado e tem claro na sua mente que as mulheres poderiam ser mais atuantes quando o assunto é este:

“Porque é aquela coisa de que é a gente que sabe do que a gente está precisando, então essas mulheres que são as mais impactadas teriam condições tanto de opinar melhor na construção quanto de atuar nesse processo de decisão, de manutenção e de gestão”.

Seguimos esperando para que o arcabouço legal do saneamento evolua a ponto de considerar as especificidades de gênero presentes nas áreas rurais brasileiras. Com diretrizes bem consolidadas para esta temática podemos seguir na luta por uma igualdade de gênero substantiva.

*Nome fictício para preservar a identidade do entrevistado

“POR FALTA D’ÁGUA PERDI MEU GADO, MORREU DE SEDE MEU ALAZÃO”:

ESCASSEZ HÍDRICA, UMA EXCLUSIVIDADE DO SERTÃO?

por Nathalia Roland e Marielle Aparecida de Moura Raid

Alguns dias de convivência com os moradores do sertão nordestino tornam difícil não se lembrar da situação de escassez e consequente imigração imortalizada nos versos da canção “Asa Branca”. Os relatos fortes de sofrimento decorrentes da ausência de chuva são reais:

“Não chovia. Ai nós deu os bichos tudo... Tem gente que ainda tem, mas a gente deu, porque estavam morrendo tudo de fome.”

“Só não caiu gente [morta] por um milagre de Deus e o governo.”

Necessidade básica para a vida, a água proveniente dos caminhões-pipa fornecidos pelo exército é vista como a salvação, mas ao mesmo tempo caracteriza uma situação incômoda de dependência.

Ademais, em comunidades abastecidas coletivamente por rede, observa-se que a habitualidade da escassez promove a aceitação e conformidade da população com o recebimento de água fora dos padrões organolépticos de potabilidade.

Além de ser essencial para a sobrevivência humana, a falta de água provoca diversos impactos, a começar pela agricultura, principal fonte de renda e meio de subsistência dos habitantes da zona rural:

“Quando choveu as primeira chuva a gente plantava, mas tinha vez que não saía nem da covinha. A seca é grande.”

Outros eixos do saneamento também são afetados pela escassez hídrica, como por exemplo, o manejo dos resíduos sólidos. Na comunidade rural de Queimadas, em Crateús-CE, práticas de compostagem foram encerradas devido à seca do riacho cuja água era utilizada durante o processo.

Entretanto, apesar dos percalços, poucos dias de chuva em janeiro são suficientes para trazerem a alegria e esperança de dias melhores:

“É, para mim eu estou achando divertido. Porque fazia muitos anos que eu não via isso aé [chuva].”

Afinal, o que não falta pra esse povo é coragem para enfrentar as dificuldades:

“Quem tiver coragem de trabalhar, (...) está na hora. Se Deus quiser, se continuar chuva assim, penso que eu vou passar um ano ou dois sem comprar legumes de roça.”



Após cinco anos de seca, criança se diverte com a chuva no sertão pernambucano

Contudo, um país de dimensões continentais como Brasil apresenta diversas realidades, sendo inconcebível a ideia de se isolar o problema da escassez hídrica, caracterizando-o como específico de uma região. Além da escassez física, cabem ressaltar outros dois tipos de escassez: a escassez econômica, referente à incapacidade de se pagar os custos de acesso à água e a escassez política, correspondente às políticas públicas inadequadas que impedem alguns segmentos populacionais de terem acesso à água. Nesse sentido, por que não mencionar a região Norte, onde a farta disponibilidade hídrica infelizmente não se traduz em abastecimento de água potável para a população rural? Ou mesmo a região Sudeste, símbolo do “desenvolvimento” do país, porém ainda incapaz de levar água a toda sua população?

“Asa Branca”, poesia cantada, representa não apenas um lugar, mas todo um povo que espera a sede saciar, a água pra plantar e pra se banhar. É isso que as comunidades rurais do Sudeste, esperançosas, também esperam. Pois, a água debaixo da terra onde vivem, tem sal, muito sal, assim como lá no sertão. Então só resta esperar a chuva cair do céu... Mas tem meses que ela não vem! E aí lá também vira sertão: terra seca,

sol intenso e temperatura acima dos 40°. Os poços secam e a única opção que resta aos moradores é cavar mais:

“Meu poço tinha (...) 6 metros, tinha água. Aí secou eu botei pra 8 m. É um buraco, uma cacimba, não é poço artesiano, não (...). Agora secou com 8 m, eu botei pra 10 m. Vou cavando...”

E quando não dá mais pra cavar? Quando o corpo não consegue? Porque lá não tem máquina pra escavar, só tem mãos a trabalhar. Será que tem alguém para ajudar? Tem sim, mas não é quem deveria. Quem se dispõe a ajudar é quem pouco tem, mas sabe dividir. No entanto mora longe, a quilômetros dali. Então, pra buscar a água que o “vizinho” solidariamente oferece, sem cobrar, é preciso caminhar, pois nem todos por ali possuem um meio de transporte para conduzir. A água que vão buscar é boa, é doce, é potável, mas só podem trazer um pouco, pois não se pode abusar da boa vontade do outro e também não é possível transportar toda a água que necessitam. E por que essa água doce não chega até onde moram? Por questões econômicas, as quais inviabilizam a oferta de água, uma vez que esta é considerada uma mercadoria.

Mas o bom é que tem dias que a chuva cai do céu, como gotas de bênçãos. E então todos se ajeitam: são baldes, caixas d’água, bombonas... todos espalhados no terreiro para garantir que as gotas de água do céu perdurem mais um pouco. A dificuldade é tanta que, além desses recipientes, algumas pessoas montam, por conta própria, singelos sistemas de captação de água de chuva.



Sistema de captação de água de chuva construído por morador.

E ser singelo não é problema. O problema é quando há precariedade aliada à ausência de orientação, provocando a insegurança sobre a qualidade da água e colocando em risco a saúde da população.

Ações existem, a exemplo dos programas para a captação de água de chuva, como o PIMC, que apesar de não caracterizarem uma solução definitiva, amenizam o sofrimento:

“Aqueles tempos foi sofrido. Difícil... difícil! Agora estamos rico, pode-se dizer que estamos ricos da água. Só a riqueza das

caixas [cisternas de água de chuva] da gente...”

Assim como a transposição do rio São Francisco, que apesar de toda a discussão envolvendo os impactos ambientais desta alternativa, proporciona esperança aos moradores do sertão nordestino:

“Ah, esse canal aí, nós estamos numa esperança até boa. (...) quando terminar, que a água passar aí, (...) vai ligar água para gente trabalhar, né...”



Obras do eixo leste do canal de transposição do rio São Francisco

Espera-se que, um dia, o desejo dos moradores dessas localidades que convivem com a falta de água, independente se por motivos físicos, econômicos ou políticos, seja atendido: que a água chegue e transforme a realidade daquelas pessoas e daquele local. Quando esse direito finalmente for cumprido, não restam dúvidas: “vai ficar um lugar rico!”. Rico de igualdade, justiça, humanidade e vida.

COMO EXPLICAR UMA PAIXÃO?

por Jéssica Ayra Alves Silva e Vinícius Galvão

“*Paixão ninguém discute, né?*”. Essas sábias palavras são do Sr. Raimundo, morador da comunidade quilombola de Barra de Oitis, na Paraíba. Em qual contexto ele disse isso? Calma que nós já contamos.

É mais um dia típico no sertão, quente e seco. Faz tempo que não chove. A seca tem castigado muita gente por aqui. Os redemoinhos de vento brincam com a terra solta e vão empoeirando toda a casa nesse vai e vem.

De longe avistamos o rastro de poeira do caminhão pipa. Resolvemos segui-lo. O caminhão para em frente à casa de Dona Maria* e seu esposo, Sr. Raimundo. Sim, o mesmo que disse sobre a paixão. Os dois tiveram muitos filhos (calma, não é essa paixão, leitor), mas a vida dura do sertão levou uns para o corte da cana de açúcar, em São Paulo, e os demais para outras regiões, em busca de melhores condições de vida.

A solidão do dia a dia é percebida no olhar, na fala e recepção. Como podem acolher tão bem pessoas que não conhecem? Perguntam se queremos tomar café, ou se queremos esperar pela pamonha que logo, logo ficará pronta - com o milho sendo moído ali mesmo no moedor de ferro, na cozinha de Dona Maria.

Observamos o trabalho do motorista do pipa, aproveitamos e começamos a conversar com Sr. Raimundo e

Dona Maria sobre o dia a dia, se a água do pipa é boa, se precisam pegar água em outro lugar. Conversa vai, conversa vem, perguntamos onde eles fazem suas necessidades. Dona Maria ri e fala que seu marido não usa o banheiro. Ele responde: “*Não acho bom o banheiro, acho bom o mato!*”. Isso nos deixou um tanto quanto intrigados, já que eles tinham um banheiro em casa, construído com muita dificuldade com o dinheiro da aposentadoria. Para tentar saciar nossa curiosidade, Sr. Raimundo nos revela: “*Aí é paixão, o mato mesmo. Paixão ninguém discute, né?*”.

Como se explica uma paixão? Um sentimento que nos leva a fazer coisas inexplicáveis aos olhos dos outros? De fato, Sr. Raimundo tem razão: paixão não se discute, não se explica. Contudo, tentaremos aqui entender esse cenário. Mas, para isso, é preciso fazer o exercício de quebrar toda a imagem e opinião que você possui sobre a prática da defecação a céu aberto, ou o *pau da gata*, como a prática é chamada na região Norte do país; *cagador*, no Nordeste; ou, simplesmente, o *cagar no mato*.

Ainda que o corretor do computador nos aponte para a correção da palavra **cagar**, sugerindo a mudança para **defecar**, não o faremos, iremos manter o termo que é praticado e falado com a mesma naturalidade com o que

fazemos e nos foi relatado em campo. Precisamos quebrar esse tabu!

Depois desta breve pausa, seguimos com a nossa história de paixão. Em um contexto não tão distante, Sr. Raimundo não tinha acesso ao vaso sanitário ou a qualquer tipo de instalação sanitária. Quando criança, o jeito sempre foi ir ao mato para fazer as necessidades. Era natural. Era normal. Era gostoso. Foi assim durante muito tempo, o corpo do Sr. Raimundo se adaptou, tornando a preferência pelo mato indiscutível. Ou seja, “*a gente se acostuma, vira uma rotina e pronto*”. **

Com o passar do tempo, as coisas foram mudando, a energia elétrica chegou, a comunidade foi crescendo e crescendo e, não mais que de repente, eis que surge o banheiro. Sr. Raimundo nos conta que “*esse negócio foi depois que apareceu essa saúde no mundo, foi que apareceu esse banheiro*”. [...] “*A vida aqui era muito diferente, mudou assim tão rápido que é difícil até de entender. Só pra quem viveu*”.

Não muito distante dali, no interior do Ceará, nosso conto de paixão se completa com a história narrada por Dona Margarida:

“*Uma vez uma mulher, já mais velha, nascida e criada no interior, mas que morava em Fortaleza há alguns anos, veio passar uns dias em minha casa junto com sua neta. Quando a*

senhora chegou e viu toda a vegetação em volta, disse: - Oh, mato bom pra cagar!

A sua neta ficou horrorizada e disse para sua avó: - Credo, fazer cocô no mato?!

- Sim! - A senhora respondeu”.

Não tinha como ser diferente. A neta da senhora não estava acostumada, nasceu e se criou em Fortaleza, nunca viu alguém cagar no mato, não sabia como era bom! – completou Dona Margarida.



Banheiro em construção.

Nossa paixão ruma agora para o interior do Sudeste, onde o Sr. Carlos contou: “*a gente fica mais à vontade e tranquilo. [...] No mato, você tem maior*

liberdade, porque lá no mato só tá você e pode descarregar à vontaaaaade...”.

Assim, “*qualquer canto é canto*” [...] “*eu vou pra onde der vontade*”. Foi o que o Marcos, morador do Seringal Vila Nova, no Acre, respondeu. Em sua casa existe um local denominado casinha de madeira, que fica do lado de fora. A casinha não possui vaso sanitário, apenas um buraco ao centro. Com o tempo, ela pode ficar cheia, gerando mau cheiro e mosquitos. Imaginem este ambiente em um dia quente e úmido, abafado, com mau cheiro e sem um local para se apoiar. Você o utilizaria ainda sim ou preferiria o frescor do vento, a privacidade de fazer barulhos ou odor sem se envergonhar de ninguém no mato?

Assim, o Sr. Raimundo, a amiga de Dona Margarida, o Sr. Carlos, Marcos e tantos outros - que encontramos nesse rural - viveram e se

acostumaram a outro contexto de vida. Eles não podem se acostumar, de uma hora para outra, com aquilo que nunca tiveram ou possuem de maneira precária.

Atire a primeira pedra quem não teria dificuldades em utilizar um local diferente ao qual está acostumado para cagar. É engraçado como questionamos e buscamos uma explicação para um hábito que não entendemos pelo simples fato de ser diferente do nosso. Que tal fazermos um exercício de tentar compreender esses diferentes contextos e, principalmente, respeitá-los? Afinal, “*Paixão ninguém discute, né?*”.

* Neste trabalho é adotada a estrutura textual itálica e aspas nas falas dos entrevistados. A fim de preservar os interlocutores, seus nomes foram alterados.

** Fala de dois moradores do Ceará.

DENGUE, ZIKA E CHIKUNGUNYA: A CRISE DAS ARBOVIROSES PREOCUPA MORADORES DA ÁREA RURAL PERNAMBUCANA

por Nathalia Roland e Marina Salim Dantas

Sabe-se que a escassez de água é forte no nordeste brasileiro e o índice de pluviosidade é baixo. Logo, quando questionados sobre os problemas decorrentes da chuva, geralmente os moradores do Assentamento Serra Negra, no município de Floresta, em Pernambuco, não conseguiam pensar em um fator sequer. Afinal, lá a chuva é motivo de alegria e comemoração. Todavia, a crise de arboviroses que acomete o país gera preocupação até mesmo nas comunidades rurais do sertão nordestino.

A inexistência de estruturas de drenagem pluvial aliada à ausência de coleta de resíduos sólidos proporciona um cenário de preocupação aos moradores das áreas rurais, com a possibilidade de aumento das chances de transmissão de doenças como a dengue, a zika e a chikungunya.

“Assim, em tempo de chuva tem muita lata, tem sacola de plástico, tudo junta água, né?”

O principal problema de drenagem enfrentado pela comunidade é o empoçamento de água em períodos chuvosos. A baixa permeabilidade do solo no Assentamento Serra Negra conjuntamente à ausência de

estruturas para direcionamento do escoamento da água de chuva provoca a formação de grandes poças de água, as quais demoram dias para secar, podendo ser foco de proliferação do mosquito.



Poça d'água na entrada do assentamento

Os moradores se mostram preocupados com a destinação de seus resíduos sólidos. Porém, diante da ausência de coleta, a alternativa adotada é a queima. Sendo assim, alguns tipos de resíduos, como vidros e metais, não encontram disposição final, acumulando-se nos terreiros e sendo lançados na caatinga.

“A gente queima, só que, por exemplo, alguma lata, garrafa, ainda vai ficando, porque não tem para onde, não tem destino. (...) Isso é um problema.”

A água acumulada junto ao lixo espalhado é rapidamente associada pelos moradores a um fator de risco:

“Assim, depois que tá chovendo [tem risco], porque

às vezes tem lixo espalhado que às vezes pode acumular água e o mosquito fica, aí às vezes é complicado.”

E apesar de não haver diagnósticos recentes da doença na localidade, a comunidade reconhece a importância de seu envolvimento para evitar a proliferação da doença.

“Não, até agora a gente não deu [caso de dengue]. (...) A pessoa tem que fazer a parte, fazer limpeza, não deixar água acumulada.”



Lixo acumulado em local destinado à queima no quintal da residência

Além da drenagem e do manejo de resíduos sólidos, o abastecimento de água consiste em outro eixo do saneamento que, devido às condições inadequadas de acesso, pode impactar na proliferação de vetores. A existência de um barreiro próximo às residências, utilizado para a lavagem de roupas, eleva os riscos. Ademais, a falta de rede coletiva de abastecimento provoca o armazenamento de

água para consumo pelos moradores.

Especialistas da ONU, em comunicado oficial, enfatizaram o forte vínculo entre sistemas de saneamento deficientes e o surto atual do vírus zika, bem como a dengue, a febre amarela e a chikungunya, sendo a melhora dos serviços a maneira mais eficiente de enfrentar esse problema.



Barreiro localizado em frente às residências do assentamento

Apesar da oferta de serviços de saneamento no Brasil ser caracterizada pela desigualdade, sendo os moradores das áreas rurais pertencentes ao grupo dos

principais desfavorecidos, o mosquito *Aedes Aegypti* não realiza distinção: áreas urbanas ou rurais, ricos ou pobres, a epidemia é democrática. No entanto, os moradores das áreas rurais sofrem com a ausência de serviços básicos, dentre eles as dificuldades no acesso adequado à saúde.

“Eu já tive [dengue]. Já tive duas vezes, para ser sincera. (...) Aí uma vez eu fiz o exame, mas nunca chegou o resultado da dengue”.

A ausência de diagnóstico e tratamento médico adequado contribuem para o agravamento de um quadro que já se encontra crítico no país.

No assentamento Serra Negra, os agentes de saúde promovem um trabalho de conscientização com a população, alertando-os sobre os riscos de se deixar água acumulada nos quintais e na

comunidade. Reflexos desse trabalho podem ser observados na preocupação relatada pelos moradores e na solução adotada por eles para a destinação dos resíduos sólidos (muitas vezes a queima) – mesmo não sendo uma solução ambientalmente adequada. Contudo, faltam soluções mais concretas advindas do poder público, investindo em projetos de saneamento no local e evitando a proliferação do mosquito e das doenças por ele transmitidas. Constatação esta que também se aplica a outras comunidades rurais do país e até mesmo a grandes centros urbanos.

É necessário que todos - população, governo, órgãos públicos e privados - reconheçam a relação direta entre o saneamento e a saúde pública. A luta contra as arboviroses é também a luta contra sistemas inadequados de saneamento.

“Acho que cada um de nós tem que fazer a parte da gente. Mas se eu faço e o vizinho não faz, né!? Porque essa doença da dengue está um caso sério. Caso sério mesmo, a gente tem medo. (...) Mais perigoso que a gente acha aqui é essa dengue. A dengue é um caso sério.”

“FAZER AS TAREFAS E NECESSIDADES PODERIA SER MAIS FÁCIL PARA ELAS” por Bárbarah Brenda

Se você é mulher, vai conseguir imaginar com mais facilidade as dificuldades que milhares de mulheres passam diariamente nas áreas rurais brasileiras. Se você não é, ficará claro aqui as limitações que as mulheres tem em relação aos homens. Mas fique atento! Essas limitações não acontecem por incapacidade, mas sim por características fisiológicas do próprio corpo feminino e por construções sociais muito presentes em áreas rurais.

As mulheres da comunidade Barreiro Amarelo (BA), por exemplo, são o retrato de diversas outras, em várias localidades rurais brasileiras. Muito fortes e batalhadoras, elas também sofrem, sobremaneira, com as consequências de soluções sanitárias precárias ou ausentes. Não só nessa comunidade é possível ouvir sem pestanejar que “são as mulheres” as mais impactadas pela ausência do saneamento, pois este fato significa mais trabalho, maior dificuldade ao realizar as tarefas domésticas e maior exposição à riscos e contaminação.

Buscar água pode significar a dedicação de muito tempo. Lúcia* busca diariamente a água que é utilizada para beber e cozinhar em uma caixa d'água comunitária instalada pela prefeitura. Levar a água dessa caixa comunitária até a sua casa leva cerca de 30 minutos, e são necessárias 4 viagens diárias para pegar a quantidade necessária para a casa dela. “E é porque tem água aqui agora,

graças a Deus. Mas quando não tinha a gente ia pegar água lá naquele lugar lá... no Agreste. Ali nós vamos e colocamos até na cabeça, para não morrer de sede. Tem que ir cedo... leva tempo”.



Moradora de Barreiro Amarelo pegando água para cozinhar e beber na caixa d'água da comunidade.

Quando as tarefas domésticas são limitadas pela ausência da água, maior tempo é gasto na realização delas, tempo este que poderia ser gasto para: “*ir pra roça ou caçar, cuidar dos filhos. É que se for pegar água tem que deixar essas coisas todas para ir buscar.*” Porque não pensar em mais tempo para o estudo, lazer ou atividades que possam complementar a renda familiar de localidades tão vulneráveis? “*Tem hora que quando a gente vai pra fonte e chega a gente nem tem mais força para ir pra roça. Chega muito cansada.*”

Caminhar grandes distâncias carregando latas d'água leva a intenso desgaste físico: “*Dá dor nas pernas, nas costas... o sol é muito forte!*”. Outra moradora complementa: “*É minhas costas que ficam doendo por modo do peso. Eu panho os pote*

dali de baixo chego aqui pra morrer”.

Quando a água não chega as vasilhas vão se acumulando nas pias e as pilhas de roupa suja vão aumentando. Mas quando ela chega, haja trabalho! Todas sabem que é hora de encher os varais de roupa e colocar a rotina da casa em ordem.



Vasilhas acumuladas pela falta d'água e roupas no varal após a chegada da água.

Enquanto os banheiros poderiam significar privacidade e conforto, em Barreiro Amarelo os moradores tem que ir no mato. Imagine o quão desconfortável é para essas mulheres ter que fazer suas necessidades no mato durante o período da menstruação? Sem água corrente, é preciso fazer “*da forma que dá*”, jogar tudo por ali mesmo e limpar do jeito que for possível.

Enquanto ir ao mato a noite poderia até significar mais privacidade, a escuridão traz medos. São riscos reais como a violência e o ataque de animais e alguns outros riscos que são

entendidos somente por quem vive essa realidade – o medo do invisível.

Imagine quando o peso de anos de trabalho pesado somados aos 73 anos de idade da Dona Nena* lhe diminuem a força para caminhar e o equilíbrio para permanecer agachada e usar o mato para aliviar suas necessidades? Ou a doença da Dona Eulália* a prende a uma cadeira de rodas e a obriga a defecar e urinar em fraldas de pano que não podem sequer ser lavadas em água corrente?

Muitas mulheres preferem conter a vontade e esperar o amanhecer, outras chamam seus maridos para acompanhá-las: “Chamo ele. E ele tem que levantar!”. Para algumas mulheres destemidas como Rose* a situação até é contornada: “Vou sozinha mesmo!”. Para as crianças e meninas jovens banheiro a noite somente com “companheiro(a)”.

Nem mesmo onde há banheiros implantados por programas do governo é possível garantir a utilização ou preferência deles pelas mulheres. Muitas vezes eles são construídos externamente da casa, o que não poupa as mulheres de uma caminhada – mesmo que pequena, para ter acesso a tal solução. Não as poupam também da chuva, quando é necessário andar ao ar livre para acessar a construção.

Então você, caro leitor, questiona que os homens também estão expostos a estes riscos. Sim, estão. Mas é verdadeiramente conhecido o quão mais simples é se aliviar para os homens em relação às

mulheres. Em qualquer lugar é possível dar um jeitinho. Sem mencionar em razões muito mais íntimas das mulheres, como o pudor, a vergonha e determinados medos que só quem é mulher pode entender.

É curioso notar que algumas mulheres restringem a sua vestimenta por comodidades que podem também ser relacionadas ao saneamento. Rose* opta pela utilização de saias pois, segundo ela é possível ir no mato com mais facilidade: “*Ainda mais as mulheres que usam short aí fica mais complicado ainda. Às vezes a gente tá de saia ou de vestido aí fica mais comportado para a gente sentar, né? Às vezes chega uma pessoa e nem percebe o que a gente tá fazendo. Porque depende da saia que a gente tá usando.... se for uma saia rodada...*”

O banho também não deixa de ser uma questão mais complicada para elas. Às vezes não é possível tomar banho nua, o que dificulta a higienização. Outra questão são os cabelos. Imagine lavar um cabelo longo somente com uma caneca e um balde de água? Luana* sente na pele essa realidade: “*O cabelo fica bom não, ele fica duro!*”.



Local utilizado para tomar banho

A questão dos resíduos sólidos não poderia ser esquecida entre as atividades sanitárias e os

impactos no cotidiano feminino. Complementar a tarefa de cozinhar está serviço de juntar os restos de comida e dá-los aos animais de pequeno porte. Como são elas que limpam as residências, são elas que se encarregam de dar um destino a estes resíduos. Geralmente, os resíduos são dispostos e incinerados nos próprios lotes. As mulheres, ao colocarem fogo, se expõem à fumaça que pode vir a causar malefícios à saúde como pela queima do plástico, muitas vezes queimado nos próprios fogões à lenha.

E porque não falar sobre a falta de estruturas de drenagem? Caso haja uma inundação é o local onde elas passam a maior parte do tempo que será impactado e serão elas quem terão a maior parte do trabalho de colocar tudo em ordem novamente.

Não podemos deixar de salientar que há exceções e que, os impactos dos tipos de soluções sanitárias na vida delas, pode depender de uma infinidade de fatores, inclusive o nível de participação dos homens nas atividades relacionadas ao saneamento no domicílio.

Nos cabe esperar e lutar por políticas públicas mais sensíveis que sejam capazes de atender as necessidades femininas, promovendo não só melhor qualidade de vida e bem-estar a elas, mas que garantam a sua segurança e privacidade.

*Nome fictício para preservar a identidade do entrevistado.

LIXO: SEPARAR PRA QUÊ?

por Clarissa Tribst e Marina Salim

Quase 9 horas da quarta-feira ensolarada que se faz em Queimadas, a comunidade rural do Sertão de Crateús, quando já se pode ouvir a sanfona, a zabumba e o triângulo. O som já se aproxima e vem vindo lá do fim da rua.



Vista de uma das ruas da comunidade, quando se

A Senhora já colocou as sacolas na beirada da porta entreaberta, ela estava esperando ouvir o forró pra colocar o lixo fora de casa. Encostados no beiral de madeira, amarrados em dois sacos, tem papel do cesto do banheiro, fralda da criança pequena, e uns papéis sujos do óleo de fritura; enquanto noutro tem garrafa *pet*, latinhas e umas embalagens que ela ajuntou nos últimos dias.

Uma vez por semana é assim, o caminhão do lixo passa cortando o silêncio da manhã, ao som do forró do sertão. Anuncia que vem chegando e lembra toda a gente a cooperar com a coleta seletiva, a deixar bem separado os recicláveis dos restos de lixo comum. Quando o som do forró se aproxima, a Senhora corre lá pra fora, deixa ali as duas sacolas, pro caminhão levar embora. “Dia!”, ela cumprimenta o Senhor Coletor que acena às pressas. Correndo pelas ruas, ele pega tudo e

coloca no mesmo caminhão: de um lado da caçamba vão os recicláveis, de outro, o lixo comum.

As sacolas têm destino certo. A Senhora sabe desde que o pessoal da prefeitura fez campanha na comunidade: com a nova coleta as garrafas, as latinhas e as embalagens vão pra RECICRATIÚ, onde os catadores da Associação separam tudo direitinho e levam pra vender em Fortaleza. Tudo isso vai ser reciclado. O dinheiro da venda é a renda do Catador. Seu trabalho alimenta a família, dá mais saúde pra toda a gente e mais qualidade pro ambiente.

A Senhora sabe também que aquela outra sacola vai ser deixada no lixão. A prefeitura informou sobre um consórcio com outros municípios; pretendem construir juntos um aterro sanitário. Mas enquanto isso, num trabalho diário de catação e sem nenhuma proteção, algumas pessoas vivem ali dentro do lixão.

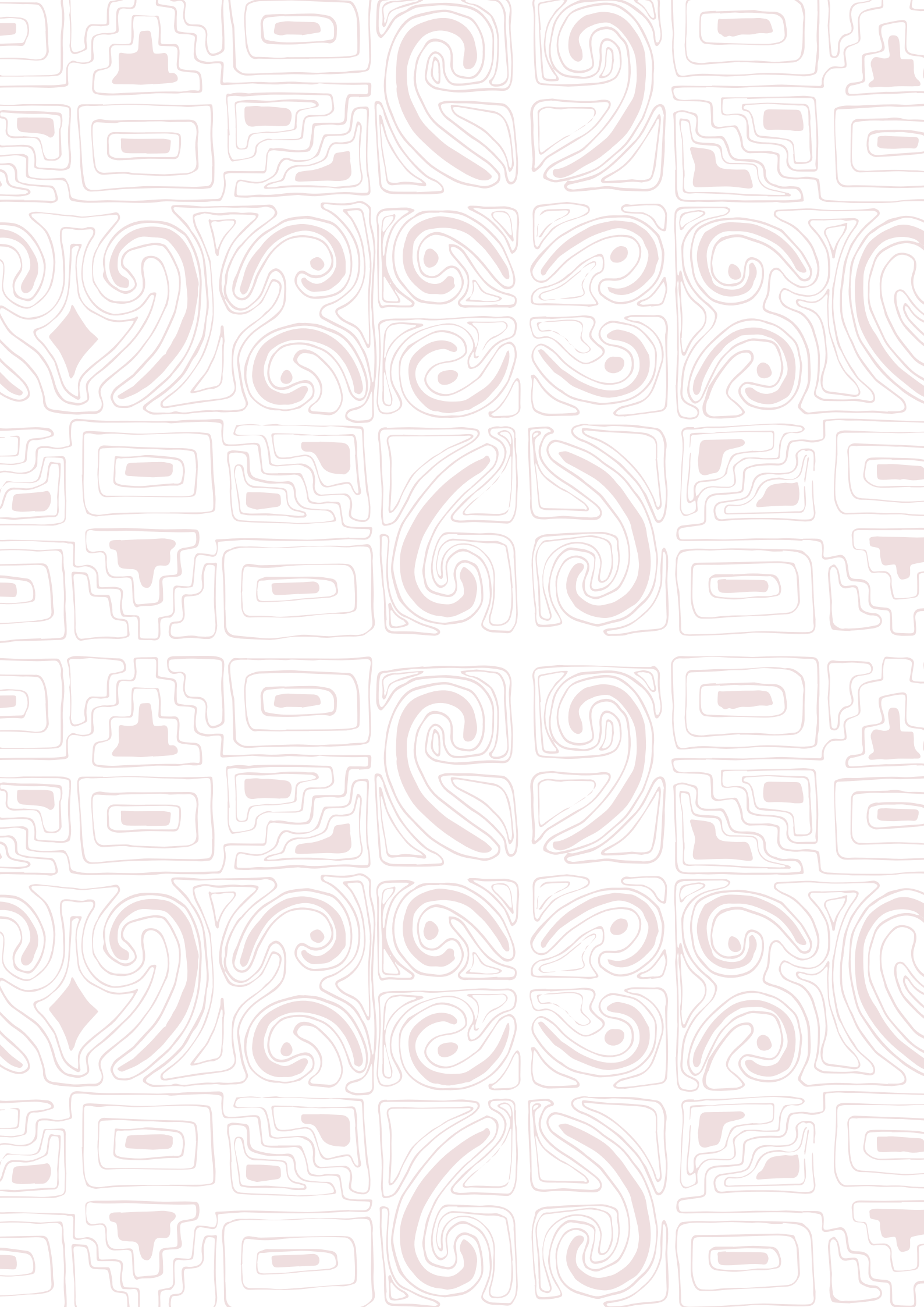
“Separar pra quê?”, ela se pergunta, “se tem gente morando no lixão, pra catar resto de comida e de material reciclável, que algum vizinho meu não separou... Ajudar pela metade, faz sentido não, senhor... Eu queria mesmo ver aquela gente vivendo noutro lugar, pondo o lixo pra fora de casa e vendo o caminhão tudo levar; deixando parte num aterro e outra pra reciclar... Pra sua saúde melhorar, pra vida da natureza se renovar...”.

Mas a Senhora não desiste. Por muito tempo, antes de haver qualquer coleta na comunidade, a solução era queimar todo o lixo. Tudo. Fumaça. Mau cheiro de queimada. Tosse. Medo do fogo. Agora, ela decidiu fazer assim e desse jeito continua: toda vez que ouve o forró, e vê passando o caminhão, ela deixa duas sacolas, numa o que vai pro lixão, noutra o que vai pra reciclagem. Pra mostrar pros seus vizinhos que já tem outra solução pra não queimar, e que eles também podem participar.

Ela persiste pra dar exemplo. Daqui a pouco não tem mais fralda na sacola. A sua neta vai crescer aprendendo que o lixo tem destino certo, tem rumo pra reciclagem, tem rumo pro aterro sanitário. Mas que sempre tem um jeito de aproveitar o que era lixo e ainda pode virar novo, no destino da reciclagem.

Até mesmo os gestores do município acreditam que apesar das dificuldades enfrentadas, já estão trabalhando pela saúde da população e pelo ambiente do sertão:

“Eu acredito que mesmo o município não tendo erradicado o lixão ele pode fazer, por isso nós estamos fazendo. Porque a maioria dos municípios, se você for perguntar, eles vão dizer: ‘ah não, a gente não conseguiu nem encerrar o lixão ainda’. Mas são coisas distintas. Dá para fazer muita coisa mesmo sem encerrar o lixão. É outra etapa. Tem que encerrar o lixão? Tem que encerrar o lixão. Mas é outra etapa.”



PROGRAMA NACIONAL
DE SANEAMENTO RURAL

PNSR

SÉRIE MEMÓRIAS DO PROGRAMA NACIONAL DE SANEAMENTO RURAL



30



MINISTÉRIO DA
SAÚDE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL